



Crátilo: Revista de Estudos Linguísticos e Literários (ISSN 1984-0705)
Patos de Minas: UNIPAM (2): 16-22, nov. 2009

Experiência estética no reality show: troca de família

Cristina Matos Silva

Pós-graduada em Arte-Educação: linguagens artísticas e práticas pedagógicas, UNIPAM.
e-mail: crismattos@unipam.edu.br

Resumo: O presente trabalho objetiva apresentar o conceito de experiência estética, considerando sua evolução e implicação no cotidiano a partir das mudanças sociais propiciadas pela tecnologia, pelo consumo, pela mídia e pela aceleração no modo de se viver, dentre outros fatores. Situado esse cenário, tem-se ainda o propósito de realizar uma breve análise do Programa “Troca de Família” - exibido pela emissora Record - considerando um quadro em questão e a experiência estética vinculada à mídia que o mesmo proporciona.

Palavras-chave: 1. Experiência estética. 2. Estetização da vida cotidiana. 3. Mídia. 4. Troca de Família.

Pensar em tempos pós-modernos é ter a certeza de que os seres humanos vivem numa sociedade globalizada, marcada por um ritmo frenético de informações e pela disseminação de imagens. Entretanto, essas pessoas também estão inseridas numa realidade cotidiana em que o corpo reage, emitindo respostas ao que é visto, e o agora se firma como o presente. Sendo assim, o desenrolar da experiência no mundo é marcada por intervenções de várias ordens: são dadas respostas ao que incomoda, como relacionamentos com colegas de trabalho, instituições; fala-se sobre o passado, as preferências; buscam-se informações sobre a atualidade; as pessoas produzem e reagem a imagens de todos os tipos. E essas atitudes se configuram na experimentação das narrativas do cotidiano, narrativas essas que vivenciam a experiência estética que não surge separada da experiência em geral.

Ao se falar de estética, remontamos antigos conceitos já provenientes da antiguidade clássica. Na Grécia, Platão se dedicou a formular uma teoria do belo e da arte.

Buscando mais referências, direcionamos a definição geral de “estética” como aquilo que se refere ao que pode ser percebido pelos sentidos; ciência ou teoria do belo; filosofia ou teoria da arte. A estética trata enfim, de questões tradicionalmente ligadas à arte, como o gosto, os estilos, as teorias da criação e também da percepção artística.

Porém, o foco do presente estudo é falar em experiência estética aliada à atualidade e, para isso, faz-se necessário centrar esse conceito numa linha de evolução até o experimentar esteticamente o cotidiano. E ao se falar de atualidade, contemporaneidade, um pensamento é evocado: será que esse experimento estético se dá somente no âmbito da arte?

Vários estudos se direcionam hoje para a experiência estética discutida como um conceito ressurgido que apura o objeto frente ao sentido do sujeito que, numa operação “modeladora” incide, reflete, desacelera os movimentos ou a imagem projetada, frui sobre a abertura de pensamento e desenvolve uma resposta frente ao exposto. Esse conceito “ressurgido” foi desenvolvido por Wolfgang Iser (2001), que estendeu a definição de Baumgarten, que em 1735 definiu a estética como “a ciência de como as coisas podem ser conhecidas pelos sentidos” (apud ROSENFELD, 2001, p. 35).

Iser (2001), em seu texto “O ressurgimento da estética”, aborda conceitos de autores dos séculos passados sobre a estética, trilhando um caminho que ora abandona definições superficiais sobre a experiência estética, ora complementa conceitos antes citados. Um exemplo é a observação da “imaginação do sujeito” que recai sobre a definição de Kant. Para ele,

a imaginação... é muito poderosa quando cria, por assim dizer, uma outra natureza a partir do material que a natureza atual lhe oferece. Nós a utilizamos para nos entreter quando a experiência nos atinge como algo inteiramente rotineiro. Poderemos mesmo reestruturar a experiência... nesse processo sentimos nossa liberdade em relação à lei de associação (que se liga ao uso empírico da imaginação); pois embora seja sob essa lei que a natureza nos fornece material, podemos processar esse material em algo bastante diferente, a saber, em algo que ultrapassa a natureza (apud ROSENFELD, 2001, p. 44).

Em comunhão com essa afirmação, Iser (2001) conclui que “ultrapassar a natureza ou o material ou qualquer coisa dada realça a operação do estético como uma exteriorização da imaginação que, por sua vez, continua ativando a mola principal da qual ela foi extrapolada” (apud ROSENFELD, 2001, p. 45).

Mas não se deve pensar em imaginação nesse sentido como algo que fica solto, confuso; pelo contrário, esse jogo livre da imaginação íntima o sujeito a elaborar uma solução. São criadas, dessa forma, possibilidades esteticamente geradas por meio de uma junção entre emoção, cognição, percepção e ideação.

Considerando esses pontos marcados principalmente por uma evolução do conceito de estética, algo altamente discutível e presente é a estetização aliada à vida cotidiana, iniciada, sobretudo, pela aceleração do modo de viver das grandes metrópoles. Inserida no tempo designado como pós-moderno, a estetização da vida cotidiana é pensada a partir das produções vanguardistas, principalmente a arte da década de 60, época que reflete o projeto de transformar a vida numa obra de arte, desejo explícito de vários artistas, e que designa o fluxo veloz de signos e imagens que saturam a trama da vida cotidiana na sociedade contemporânea.

Featherstone (1995) acrescenta que “a centralidade da manipulação comercial das imagens, mediante a publicidade, a mídia, as exposições, performances e espetáculos da trama urbanizada da vida diária, determina, portanto, uma constante reativação de desejo por meios de imagens” (FEATHERSTONE, 1995, p.100).

Atentando às colocações acima, fica fácil elevar o pensamento à sociedade burguesa que, a partir do século 19, ficou marcada pelo consumismo e pelo poder de mutação. A sensação de sentir novidades agiu diretamente no que era produzido e a nova fase da pós-modernidade (final do século 20) é aquela preocupada em abrir espaços para espetáculos, sensações, ilusões e montagens capazes de proporcionar um tipo de experiência que se identifique principalmente com o que é vivido.

Agora, de acordo com Featherstone (1995), é preciso estar atento quanto à veracidade do processo de articulação, transmissão e disseminação da estetização da vida cotidiana, pois

embora a estetização total dela acarrete a destruição das barreiras entre a arte, de modo que o artifício torna-se a única realidade disponível, não deveríamos assumir isso como um dado ou como um elemento da natureza da percepção humana que, uma vez descoberto, possa ser detectado em toda existência humana anterior. Antes, deveríamos investigar o processo de sua formação. Por isso, é necessário levantar questões sociológicas rigorosas sobre situações específicas e grau de generalidade. Para tanto, examinamos as origens históricas e a sociogênese de estilos cognitivos e modos de percepção específicos que emergem nas disputas e interdependências mutáveis entre configurações de pessoas.

Dentro do conceito de *modernité* (a experiência da modernidade), a experiência estética incorpora mais um sentido que assinala a expansão e a extensão da produção de mercadorias nas grandes cidades que ergueram novos edifícios, lojas de departamento, galerias, *shopping centers*, etc., produzindo uma coleção infindável de bens para revestir as lojas e abastecer os que por elas passam. É essa dupla capacidade da mercadoria, de ser valor de troca e valor de uso *Ersatz*, de ser o mesmo e o diferente, que lhe permite assumir uma imagem estetizada, seja qual for a imagem idealizada do consumo.

Essa evolução em antigos preceitos que se estendem com o decorrer dos séculos não abandona questões tidas como centrais em um conceito. A experiência estética ressurgida ou abordada como estetização da vida cotidiana no seu patamar pós-*modernité* recai no caráter libertador com proporções de alteridade, em que a fruição é a chave da experiência estética no sentido da recepção que solicita o engajamento do sujeito numa situação.

Desta forma, a experiência estética aliada à atualidade está num patamar geral, comum e é fruída por vários tipos de narrativas e não só mais ligada a objetos artísticos. Reiterados sobre isso, França e Guimarães (2004) afirmam:

Para nós, a experiência estética, não restrita à relação com os objetos artísticos, é tomada como uma via de acesso à nossa experiência do mundo, tal como ela se apresenta a-

tualmente: permeada pelas *performances artificiais* proporcionadas pelos diferentes signos, produtos e objetos que circulam pelas estruturas de comunicação e informação.

Centrando este estudo nos meios de comunicação, percebe-se que o universo dos programas populares de TV proporciona o acesso a uma extrema variedade de aparições do homem comum. Esses programas, por meio de narrativas midiáticas, usufruem de artifícios comunicacionais capazes de elevar o espectador a diferentes signos, objetos e produtos permeados de condutas extáticas. Um exemplo descrito abaixo, auxiliará no entendimento da experiência estética aliada ao cotidiano e aos recursos midiáticos que, como já foi dito, por meio do desenvolvimento de suas narrativas, colocam o homem de vida comum imerso numa experiência geral, à procura de (re)conhecimento, e conseqüentemente o identificam como um ser que vivencia a estética.

O reality show: troca de família

Uma estratégia midiática que vem rendendo polpudos lucros às emissoras de TV são os reality shows, os quais traçam suas narrativas por meio de condutas reais, ao exporem pessoas normais, ou muitas vezes, pessoas atípicas na forma de viver convencional, mas que, claro, são consideradas cidadãos com direitos e deveres. O que realmente vai acontecer no decorrer dos episódios não é claramente definido, uma vez que o dia-a-dia de quem se submete a esse show da realidade é filmado e mostrado a todos, após algumas edições, e são os protagonistas que desenvolvem o script. Expõem-se medos, angústias, brigas, alegrias, falsidades, diferenças sociais, culturais, religiosas, políticas.

O programa “Troca de Família” da rede Record¹ é uma versão brasileira da produção original “Trading Spouses”, da Fox. O programa em questão tem por objetivo acompanhar a experiência de duas mães que mudam sua rotina, convivendo por uma semana na casa uma da outra. As esposas trocam de casa, marido e filhos e devem se adaptar ao dia-a-dia da nova família, empenhando-se nas tarefas domésticas, na educação dos filhos, no trabalho, enfim, em dar continuidade na rotina já pré-existente naquele lar. Após 7 dias, elas se encontram, trocam uma carta que relata acontecimentos, agradecimentos, fatos de que menos gostaram, e por fim, destinam para a família com a qual conviveram durante a semana o valor de R\$ 25.000,00 pago pelo programa.

Os profissionais que produzem “Troca de Família” deixam bem claro que garimpam em todo o Brasil, a fim de encontrar famílias interessantes, com perfis completamente opostos socialmente, cultural e economicamente.

O programa do dia 07/11/2006 apresenta a família Stier e família Tomaz². Esta mora na grande São Paulo, num sobrado de classe média baixa e tem como matriarca a artista

¹ Disponível em <http://www.rederecord.com.br/frameset.asp?prog=58>

² Disponível em <http://www.rederecord.com.br/programas/trocadefamilia/videos.asp?c=14>
<http://www.rederecord.com.br/programas/trocadefamilia/videos.asp?c=15>

plástica Fátima. Em seu segundo casamento com Charles – 13 anos mais jovem – a artista se apresenta despreocupada, divertida, com estilo alternativo. Seus filhos, Vanessa de 16 anos e Rafael de 21, é claro, estão inseridos nesse sistema e compartilham desse estilo free. Já a outra família vem da Bahia e mora mais especificamente num paraíso tropical. A mãe dona-de-casa é Mariene, casada com um alemão, Robert. Os dois têm três filhos pequenos que durante o transcorrer das gravações permaneceram disciplinados e educados.

Pronto! A troca se concretiza e, num primeiro impacto, a família de São Paulo “assusta” Mariene com sua forma “relax” de viver. As apresentações são feitas e as impressões logo fixadas. A baiana relata às câmeras seu parecer sobre o processo artístico que ela conferiu e já é bastante crítica em relação à (des)organização do lar. Do outro lado, Fátima é gentilmente recebida na casa de Robert e se admira com o conforto da casa que é visivelmente bem organizada e aconchegante.

O perfil do programa tenta nos conduzir a um vai-e-vem, dividindo o episódio, ora na “realidade” de uma família, ora na “realidade” da outra. Isso faz com que consigamos captar o desenrolar da trama ali proposta.

Voltando a São Paulo, discussões e embates culturais já estão em pleno fervor, já que Rafael (filho mais velho de Fátima) não gostou da sincera dona-de-casa que já chegou dizendo sobre a sujeira, a desorganização e a falta de “estribeiras” dos filhos. Insultos são trocados e Mariene acaba sozinha, angustiada e tendo que providenciar seu próprio almoço. Sua solidão é reforçada pelo corte de luz na casa. Ela diz que preferiria dormir num banco da praça a viver daquela forma.

Enquanto isso no litoral baiano, tudo parece transcorrer bem com a artista plástica que já comenta: “as desavenças são o calor da família, eu não sinto isso aqui”. Ela conhece pontos turísticos e participa de calorosas festas, sente-se totalmente à vontade, divertindo-se, dançando, cantando... Os três filhos de Robert somem no meio da euforia e o alemão cobra da mãe postiça a disciplina materna. “Você tem que ter mais autoridade.” Os filhos ressurgem e tudo fica bem.

Na metrópole, Mariene continua com seu pulso baiano, e o choque de personalidades, o descaso de Vanessa na criação de gatos, o estopim curto de Rafael e a tranquilidade do também artista Charles causam conflitos indigeríveis e perturbadores que atingem a todos. A emoção fica à flor da pele e a estafa de Rafael não surpreende Mariene, que transpõe a preocupação perante o fato. “O que eu tenho que falar, eu falo mesmo”.

Para marcar o fim da estadia nas casas, é de praxe que as mães organizem uma festa para os anfitriões. Essa festa pode ser como as mães bem entenderem, com ritmos e cardápios variados. Os convidados vão desde parentes até amigos.

Para a família de São Paulo, Mariene organizou uma festa baiana, com comidas fortes e decoração típica. O som ficou a critério dos jovens. Longe dela, sua organização foi criticada, a comida não foi bem aceita, mas nada que gerasse os comuns embates.

No litoral baiano, Fátima se envolve no clima tropical e, aos trancos e barrancos, organiza uma festa *caliente* que no final dá certo. Ela se arruma; Robert arruma primeiro as crianças e todos curtem a festa regada de tequila e animação.

Após a agitada e atípica semana, chega a hora do encontro das mães que já estão na expectativa para a volta ao lar. Fátima, centrada. Mariene, emocionada. Uma fala: “tem que ter regras, mas não precisa ser iguais às de quartel”, a outra replica: “você precisa ser mais dura com seu pessoal”. No fim, há um abraço, troca de envelopes que ditam o destino do prêmio de R\$ 25.000,00 e uma conclusão: as protagonistas da trama são felizes do jeito que são e não acham que têm que haver mudanças nas suas formas de viver.

No reencontro com a verdadeira família, há bastante emoção e as diferenças de estilo, de viver, são relatadas verbalmente aos outros integrantes. Os baianos se apresentam neutros em relação à divisão do dinheiro, já os paulistanos se revoltam com a divisão do prêmio, afirmam que o momento era de quitar dívidas (havam comentado com Mariene sobre as dívidas) e não de investimentos. Mas é tarde; isso eles terão que aceitar.

Este quadro não chega a ser um típico melodrama desenrolado por programas que já fixam sua temática, mas o choque de cultura, a mudança na rotina que é afetada com novas formas de pensar e com imposições que impulsionam o perfil do mesmo ditam a trajetória da trama. São pessoas reais a mercê do convívio de desconhecidos com maneiras de pensar e viver totalmente enraizadas, impossíveis de se mudar em uma semana.

De início, parece uma proposta fácil de ser cumprida e que instiga a função dela pelo prêmio pago. Porém, as famílias não sabem o que as aguardam e o mistério pode virar uma proveitosa experiência, com ensinamentos e aprendizados ou com um terrível pesadelo.

Se há embate, como no exemplo acima, a produção do programa faz questão de dramatizar, coletar informações por meio de perguntas que evidenciem as rixas. Efeitos sonoros ditam o clima do momento e aumenta a carga de drama, se assim for. Óbvio que o programa só leva ao ar o que mais o interessa e, no caso estudado, os embates da família de São Paulo com Mariene ganharam uma atenção especial.

Modos de viver; personalidades, ora já construídas, ora em construção; diferenças regionais, econômicas, sociais e culturais são o que fazem o pai alemão, tipicamente rígido, não aprovar a maneira “desleixada” da pacífica artista plástica paulistana. Essa, por sua vez, acha que as regras impostas tornam o ambiente frio. E é justamente seu modo de viver e dos demais membros da família Tomaz que irrita a organizada dona-de-casa Mariene, que se apresenta com personalidade forte, taxativa e disciplinada.

O quadro não traz enorme comoção, não rompe o conhecido, o esperado, mas não foge da realização de uma experiência estética ligada ao cotidiano, uma vez que a grande maioria nasce dentro de um sistema familiar (às vezes não tradicional) e concretiza formas de vivência, trazendo à tona preferências, sentidos, sentimentos, realizações, crenças.

Para aqueles espectadores mais atentos, algumas questões são exortadas: a realidade de uma família tão diferente machuca a mãe provisória? Não é necessário mais paciência e respeito às diferenças ali existentes? Como encaixar os valores e as condições de vida de cada família? As rupturas culturais e sociais em uma outra sociedade não deveriam ser um tipo de ensinamento para aquele convívio? A separação da família por uma semana é algo que mexe com os sentimentos e que realmente vale R\$ 25.000,00? Por que essas famílias se prestaram à exibição pública sabendo que diferenças sociais são colocadas à prova?

As pessoas se formam e escolhem seus caminhos, capturam características peculiares, às vezes de acordo com sua profissão, seu companheiro, sua região e adquirem um estilo, um sistema de vida, muitas vezes identificados pela forma de falar, pela cor do cabelo, pelas roupas usadas. É criado um sentido por meio dessas escolhas e são justamente as mães que, em geral, alicerçam a educação dos filhos. Eles aprendem e disseminam o que elas passam.

Nosso pensamento se volta ao respeito pelo outro, seja ele baiano, negro, branco, paulistano, artista, empresário, hippie, mineiro, jovem, idoso. As diferenças têm que ser entendidas e respeitadas e são essas diferenças que ditam e dão um significado particular à vida de cada um.

Troca de Família se firma como um produto midiático e, como dito anteriormente, não deixa de cumprir um papel que proporciona fruição perante o exposto, logo proporciona a experiência estética. O discurso emitido pelas partes; a organização e o enfoque dados ao que o programa privilegia, no caso, as brigas, as diferenças; e o (re)conhecimento do homem de vida comum, ordinária nestes tipos de veículos midiáticos reforçam a resposta que se direciona mais uma vez nos valores defendidos por cada um: “Valeu a pena, mas eu não troco minha vida por nada”.

Referências bibliográficas:

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Nobel, 1995.

FRANÇA, Vera & GUIMARAES, César. Narrativas midiáticas e experiência estética. Recife: *Ícone* 7. v. 3, n. 5. jul. 2004-131.

LEMOS, André. *Mídia. BR*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

GUIMARAES, César. *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

ROSENFELD, Denis L. (org). *Ética e estética*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.